

O AMOR ORIGINÁRIO NA POESIA DE MAX MARTINS

Natália Lima Ribeiro (UFPA)¹
Antônio Máximo Ferraz (UFPA)²

***Resumo:** Este trabalho propõe a interpretação do Amor como caminho para o questionamento do Ser na obra Poemas Reunidos 1952-2001, de Max Martins. A experiência do Amor originário é a travessia para a plenitude existencial, que é em congregação com a natureza. Sendo assim, o Amor não cabe em um conceito, vindo a constituir, ao contrário, a dimensão em que o Ser se dá em inteireza. Max Martins concebe a experiência do Amor como experiência-limite do abismo em que o homem ontologicamente já está desde sempre lançado. Neste trabalho, propõe-se um diálogo da poesia de Max Martins com pensadores como Martin Heidegger e Platão.*

***Palavras-chave:** amor; questionar; Max Martins.*

Introdução

Quando se fala no amor, no que habitualmente se pensa? Caso se trate da relação entre Deus e o homem, o amor costuma ser compreendido como piedade divina e reverência do humano para com o Criador. Quando o amor se dá entre dois seres humanos, ele é encarado como um afeto intersubjetivo, seja entre parentes ou amigos, seja como a comoção de duas pessoas tomadas pelo fulgor da paixão. Na era da informação, esses conceitos sobre o amor circulam de maneira rápida, não nos deixando tempo para pensá-lo como uma questão, uma vez que nenhum conceito é capaz de encerrar o questionamento que ele enseja. Devemos, pois, pensar o amor como questão, sem cingi-lo aos conceitos vigentes. Por este motivo, grafaremos, a

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) no ano de 2015. Mestre em Letras - Estudos Literários em 2017. Áreas de interesse: Literatura Amazônica, Literatura Alemã. E-mail: natalia.limar21@gmail.com.

² Professor Adjunto do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área de Teoria Literária. E-mail: maximoferraz@gmail.com.

partir de agora, a palavra com maiúscula: Amor. Assim fazemos a modo de indicar a importância de destacar tal palavra como uma questão, a qual excede o entendimento humano. Nesse sentido, apresentaremos o Amor que ultrapassa as representações frequentemente utilizadas para conceituar a questão. Então, o homem é disponibilizado, em sua humanidade, em seu ser homem, pelas questões.

Max Martins, poeta que questiona sobre a construção moderna do real, mostra-nos, de maneira salutar, o Amor em seu traço questionador. Em sua vasta obra, composta por onze coletâneas de poesia, escritas de 1952 até 2001, o Amor se faz presente como questão, cambiando continuamente de uma obra para a outra. Max mostra-nos o Amor como um fenômeno, superando as tradições humanista, mimética³, metafísica e ontoteológica, as quais são responsáveis pela entificação e esquecimento do Amor como questão.

Para entendermos o porquê dos conceitos a que nos achamos presos sobre o Amor, precisamos entender que nossa era foi construída pela tradição metafísica. Em linhas gerais, a tradição metafísica é um “manual de conhecimentos, ensinados já dentro da verdade lógica como disciplina” (CASTRO, 2011, p. 151). A interpretação vigente do real, da natureza e do homem busca instrumentalizar e converter tudo em recursos naturais e humanos. Como consequência, tudo tranforma-se em objeto, engessando as questões e o Ser. É o que podemos ver na interpretação vigente sobre a questão do Amor: temos um conceito de amor, vendido pelos meios de comunicação, em detrimento do seu sentido ontológico. O Amor, em seu sentido originário, é um plexo de questões humanas em que o homem faz sua travessia existencial. “Amar é ser”, como aponta Manuel Antônio de Castro (2011, p. 291), sobre a dinâmica do Amor como questão, em detrimento da objetualização ensejada pela tradição técnico-científica⁴.

A entificação das questões embota, assim, a humanidade do homem. Como consequência, o homem apenas reproduz um discurso: o homem não atinge a sua plenificação existencial, a plenificação desse ente que, ontologicamente, em seu ser, questiona e cria. A tradição metafísica busca vender uma realidade, transformando-a em um paradigma, pois congela o pensamento e o questionar.

Como resultado do esquecimento sobre a questão do Ser, o “homem e coisa são esquecidos como questões e passam a ser aprisionados em conceitos” (FERRAZ, 2010, p. 12). A realidade é entificada. É esquecido o valor de ação, o movimento da

³ Por tradição mimética, se entenda a concepção da arte como cópia. Ela vem a ser o correlativo, em arte, da tradição metafísica, que, na resposta à pergunta sobre o Ser, o entifica, reduzindo-o a um ente. E o Amor não é um mero ente, mas uma abertura ao questionar. A tradição ontoteológica, como o nome diz, é aquela que concebe o Ser como Deus, reduzindo a pergunta sobre o Ser – e consequentemente sobre o Amor –, à esfera de uma tradição religiosa. Mas, se o Amor coubesse em um conceito, se fosse um mero fato e não um permanente por-fazer, não teríamos diversas interpretações dessa questão, pelos mais diversos pensadores e poetas.

⁴ Segundo o pensador Manuel Antônio de Castro, “há a tradição humanista, onde se fundamenta tanto o ente quanto o amor. O nosso engano ao âmbito do amor, localizado nas relações amorosas, está no fato de que o amor foi substantivado. Toda substantivação projeta o amar na entificação. Nesta a representação e conceituação substituem o acontecer do sentido do ser. Todo humanismo é uma entificação do ser. A crítica dos humanismos e a tentativa de tirar do esquecimento o sentido verbal do amar, reinstalando a questão do sentido do ser. Este vigora sempre no sendo verbal. O amar é a essência do agir levada à sua consumação pelo sentido do sentir” (CASTRO, 2011, p. 291-292).

existência. O verbal (agir) passa a ser interpretado como substantivo (fundamento). É esquecido o sentido originário do real, o qual reside na palavra grega *alétheia*, como podemos ler a seguir:

Não sabemos o que são o real e o homem, mas eles estão sempre mutuamente implicados. Esta é a condição originariamente metafísica do homem: ele está sempre entre (*metá*) as coisas (*phýsis*), não em face delas, o que lhe permitiria objetivá-las. Por isso, a verdade não é a predicação que o homem a respeito delas faz. A predicação verdadeira é apenas a predicação verdadeira, não a verdade. A verdade não são as idéias que temos sobre o real e, sim, o seu desvelar autovelante. O real sempre vela a sua realidade – tomando o termo “realidade” por aquilo que o real é de verdade, aquilo que ele efetivamente é. Não por outro motivo, atendendo a uma dimensão mais originária na compreensão da verdade, os gregos chamaram-na de *alétheia*, o desvelamento do real, o qual, por mais que se desvele sempre vela sua realidade, por ação do Tempo: as coisas não são, elas estão sendo (FERRAZ, 2010, p. 12).

A dinamicidade do real, o qual se desvela velando-se, habita no devir, fazendo do homem um contínuo movimento e tornando a vida uma travessia poética. Devemos compreender o vigor das questões em sentido originário, as quais convertem o homem em um intérprete não somente da realidade que o circunda, mas de quem ele próprio é, de sua própria existência. Interpretando a realidade não como instrumento, mas o real como doação da *phýsis*⁵, do que vem à luz como fenômeno, velando sua *arkhé* (seu originário), desconstrói-se a padronização do pensamento.

O afã de objetualização das coisas, que domina a nossa época, também impacta o Amor. E, ao invés de ser concebido como a possibilidade do deixar-se tomar pelas questões, termina sendo também instrumentalizado. O Amor não vem do homem, não é um instrumento nas mãos do homem. É antes Dele, do Amor, que o homem é originado, tendo em vista que ele não cria as questões, mas, ao invés, é por elas tomado e criado para ser homem, o ser que questiona (todo questionar vem das questões). Amor é diálogo, não no sentido de conversa entre duas pessoas, mas do mover-se dentro (*diá-*) do *logos* (isto é, das questões). Neste sentido, o amor entre duas pessoas não pode ser o desejo de adequar a pessoa amada a um paradigma, a um modelo. Não pode ser uma submissão. Ao contrário, como diz Guimarães Rosa, no *Grande sertão: veredas*, “amor é a gente querendo achar o que é da gente”.

⁵ A *phýsis*, palavra grega antiga que costuma ser traduzida por natureza, é mais do que isso. Por natureza, entendemos o conjunto de coisas que se acham fora da cultura, por isso mesmo alvo de representação das assim chamadas “ciências naturais”. A cultura, essa sim, diria respeito, na representação moderna, ao homem. A *phýsis*, no entanto, é o manifestar contínuo da totalidade das coisas, velando o que efetivamente são, pois estão em movimento, de modo a velar o seu Ser, a sua *arkhé*. É o velamento da *phýsis* a fonte de todo o questionar, inclusive da possibilidade de o homem questionar o seu próprio ser, pois ele também é *phýsis* (no mundo grego antigo, o conhecimento não estava separado entre natureza e cultura, como na representação da era moderna). A existência humana, de maneira originária, está integrada à dinamicidade da *phýsis*, a qual é a fonte de todo questionar.

Entretanto, é comum ver-se o enquadramento do Amor como dominação do outro, tornando-o um objeto de posse. Já em Platão, na obra *Fedro* – diálogo fundamental para a compreensão do pensamento ocidental –, há o questionamento do Amor, relacionando-o à servidão. Ao conversar sobre as questões da alma e do Amor, Sócrates discursa para Fedro sobre os perigos de rebaixar o ser amado a uma relação servil:

O indivíduo governado pela paixão e rebaixado à condição de escravo do desejo, forçosamente procurará alcançar do seu amado a maior soma possível de seus prazeres. Mas o espírito doentio só gosta do que se lhe submete; detesta que lhe é igual ou superior. Desse modo, o amante não suportará no amado o que lhe for superior ou igual; pelo contrário, procurará rebaixá-lo e diminuí-lo (PLATÃO, 2011, p. 89).

Contrariando a concepção do Amor que o vincula à servidão, Martin Heidegger aponta para a autenticidade desse fenômeno como diálogo, o mover-se dentro das questões. Para ele, o Amor é a vontade de deixar o outro se dignificar em sua travessia existencial. Sendo assim, o Amor, em seu sentido originário, para Martin Heidegger, é a vontade de que o amado percorra o caminho para sua essencialização, sem criar algum pacto de servidão ou compromisso.

1 Eros originário

O percurso interpretativo deste trabalho mantém um estreito diálogo com o pensamento de Martin Heidegger. Para isso, devemos redimensionar o sentido do Amor em seu vigor originário. Ao pensarmos na palavra “Amor”, é necessário pensar como o mundo grego, civilização que origina o Ocidente, constitui este fenômeno, e no qual ele se dizia Eros, no âmbito da mitologia. Eros é filho de Afrodite, deusa da beleza e da sensualidade. Ele é o princípio primordial que rege e age em todos os entes. Ontologicamente, percebemos que o lugar do Amor não se limita ao pensamento antropocêntrico, que tem o homem como centro da realidade e a verdade do Amor sendo por ele determinado. Eros, o Amor originário, está em todas as coisas. No poema “Minha Arte”, da obra *Marahu Poemas* (1991), Max convoca a figura mitológica para, assim, mostrar-nos como este fenômeno se apropria de sua arte:

Pois que há uma canção em ti
Submarina

Uma promessa
De água e soma

Um som premissa Eu
Eros
Quero

Te dizer, disseminar, minar-te
(MARTINS, 2001, p. 91).

O título indica uma construção metapoética, pois há indicação de onde advém a criação poética de Max Martins. Na encenação poética, o lugar da poesia surge de forma telúrica, haja vista a presença de vocábulo que ensejam a ideia, no caso da água. Há, pois, um desejo constante de encontrar o lirismo no desconhecido, na matéria vertente do que está dentro do outro, aludindo então para uma encenação erótica, a qual converge com uma lírica permeada pelo amor erótico. Esse espaço da poesia, em que Eros quer “minar” é própria Linguagem, transformando-a em arte. Eros erige dentro de todas as coisas, na Arte, na Natureza, no Homem. Dessa forma, o poeta encontra na poética erótica matéria de sua arte lírica, que invade todos os entes.

Em “Minha Arte”, Max congrega duas temáticas principais de sua obra, edificadas no objeto artístico, o poema : Eros e o fazer poético. No decorrer do poema, Eros aparece como aquele que transforma e toma a totalidade dos entes, de tudo o que é ou está sendo, pois mina e dissemina sua potencialidade criadora de lirismo e vida. O Amor é aquele que toma tudo em seu regaço, todas as coisas e as transforma em arte (“minar-te”), mas arte como pensamento, questionamento. Para o pensador Octavio Paz (1994) o Amor é responsável por trazer os entes em comunhão novamente, diferentemente da objetualização que domina a concepção do Amor em nossa era: há o regresso à realidade primordial, anterior ao erotismo, ao amor e ao êxtase dos contemplativos. Este regresso não é fuga da morte nem negação dos aspectos terríveis do erotismo: é uma tentativa de compreendê-las e integrá-los à totalidade (PAZ, 1994, p. 28).

O Amor, encontrado na poesia de Max, é a possibilidade do retorno à vigência originária do homem, pois a arte, pensada originariamente, como ação das questões, e não em uma dimensão apenas estético-formal, aponta para dimensões de realização do homem enquanto ser existente. Nesta experiência com o Amor, a existência torna-se plena, já que, emergido no fulgor do erotismo, o homem pode perceber a si mesmo e a natureza em meio às questões que desde sempre já são. Esse fenômeno reconduz o homem para as possibilidades diversas da existência, tornando qualquer intento de conceituar o Amor vazio e esgotado, perante o abismo que ele é. Como fenômeno, e apenas sendo fenômeno, o Amor abriga as tensões de essencialização do homem como homem-no-mundo, aproximando-o do vigor originário da realidade. Na via de realização dentro do abismo que é o Amor, habita o mistério. Em *Fedro*, ao discursar sobre o Amor, Sócrates revela o caráter divino e misterioso que este fenômeno apresenta:

Esta espécie de delírio nos foi dada pelos deuses para nossa maior felicidade. É certo que tal demonstração não agradará aos pretenciosos, esses homens terríveis, mas para os sábios será bastante convincente. O ponto está, inicialmente, em alcançar a verdade a respeito da natureza da alma, assim divina como humana, pela observação de seus atos e afecções (PLATÃO, 2011, p. 105).

Nos diálogos platônicos – tanto no *Fedro* quanto no *Banquete* –, a figura mitológica de Eros é interpretada de diversas maneiras; porém, no *Fedro*, Sócrates diz

que a natureza primeva do Amor está em ser uma doação divina para que o homem possa alcançar a sua verdade. Neste intento, percebemos que o Amor remonta às possibilidades de travessia em busca da verdade, de cada verdade velada e desvelada pelas veredas da existência.

Ao pensarmos em Eros, podemos perceber a potencialidade desse fenômeno, perdido devido às construções antropocêntricas que fundaram nossa era, presa à tradição metafísica, a qual concebe o Ser a partir da representação do homem. Há, na palavra Eros, um traço verbal semelhante ao verbo grego “Erotan”, que, mais tarde, foi traduzido para o verbo “questionar”. Esta relação entre a palavra e o verbo mostra a possibilidade de reintegrar o Amor como possibilidade do pensar, do questionar, que não tem origem no homem, mas a ele se doa. Porém, para se abrir a este fenômeno, é preciso estar disposto ontologicamente para o abismo que é o Amor originário.

Na obra de Max Martins, a experienciação do Amor originário conduz o homem à dimensão da potência criadora e questionadora que já é a ele intrínseca. Ao existir, o homem já está lançado no Amor, convidando-o a acolher a vida, a morte e a fazer sua travessia existencial, realizando seu destino. Ao estar lançado no Amor, o homem está mergulhado no desconhecido. Em “Estranho”, poema que dá nome à primeira obra de Max Martins, lançada em 1952, o poeta mostra-nos que este *ludus* amoroso está imantado no desconhecido:

Não entenderás meu dialeto
 nem compreenderás os meus costumes.
 Mas ouvirei sempre as tuas canções
 E todas as noites procurarás meu corpo.
 Terei as carícias dos teus seios brancos.
 Iremos amiúde ver o mar.
 Muito te beijarei
 E não me amarás como estrangeiro (MARTINS, 2001, p. 347).

A figura do estranho sempre esteve presente na poesia de Max. O estranho, em sua obra, é aquele que difere do outro. Porém, está disposto ao diálogo. No poema acima, temos a concretização amorosa acontecendo em quatro etapas: a linguagem, os costumes, o corpo e o ato sexual. Ao inaugurar sua obra, Max mostra-nos que o Amor, transfigurado no ato erótico, o qual é um lugar de diálogo. Ao demonstrar a estranheza com relação ao novo (“Não entenderás meu dialeto”), o eu-lírico põe-se em posição de escuta (“Mas ouvirei sempre as tuas canções”), escuta deste desconhecido, deste abismo. Inscrita no corpo, a relação amorosa concretiza-se (“E todas as noites procurarás meu corpo”). Imantado neste apelo que é o Amor, há novamente o retorno do homem em comunhão com a natureza e as questões que engendra (“Iremos amiúde ver o mar”).

No percurso do poema, este eu-lírico está aberto ao diálogo, encontrando-se com o corpo desejado de maneira amorosa. Ao concretizar o ato erótico, tomado pela força de Eros, este “estranho” retorna ao seio primordial do homem com a natureza e, ao final do poema, o desconhecido torna-se familiar. Por via do Amor, tomado por este abismo, o homem faz a travessia de experienciação de sua verdadeira natureza.

Quando tratamos da questão do Amor, é preciso fazer uma leitura das contribuições levantadas na obra *O Erotismo*, do pensador francês Georges Bataille (1989), o qual trata o homem como um ser limitado. O homem encontrará no amor erótico a travessia para o questionar existencial. Sua finitude é posta em jogo com a perda em que é lançado no ato erótico, como podemos ler no trecho a seguir:

O erotismo, eu o disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer que, no erotismo, EU me perco. Não é, sem dúvida, uma situação privilegiada. Mas a perda voluntária implicada no erotismo é flagrante (BATAILLE, 1989, p. 29).

Esta perda torna-se flagrante ao associarmos Eros ao verbo *Erotan*, pois, ao questionar, estamos indo contra ao movimento da tradição metafísica e antropocêntrica. Fundado no conceituar, o questionar torna-se obsoleto. Como não há uma funcionalidade para o questionar, seguindo os moldes da sociedade atual, este ato torna-se raro. Na esteira desta maneira de conceber as coisas, o Amor como questão está expressamente fora de cogitação em uma sociedade patriarcal, hierarquizada e engessada por ideologias e pensamentos que não pensam.

É preciso, então, o outro para a experiência de Eros, nem que seja o outro de si mesmo, no autodiálogo. Afinal, como diz Arthur Rimbaud, “Je est un autre” (Eu é um outro). Na poesia maxmartiniana, é flagrante a leitura de figuras mitológicas, como vimos acima. No decurso de sua obra poética, em *Estranho*, temos em sua tessitura interpretações sobre a Antiguidade, fazendo uma relação pertinente com a realidade atual, pois, para Max, as questões são sempre as mesmas, o que muda são suas interpretações. No poema “Narciso”, abaixo, Max anuncia, de maneira mais clara, o espaço do amor como espaço de diálogo. Ao recordar a figura mitológica do belo mancebo que se destruiu ao se apaixonar pela própria imagem, Max compreende que, no fenômeno amoroso, o homem deve estar em diálogo com outros e não centrado em seu eu apenas. Façamos a leitura do poema “Narciso”:

Esta atitude de pôr os olhos além das flores
 E do resto das mulheres,
 Pensando sobrepujando céus.
 Deves compreender.
 Amo-me.
 Não que eu tenha muitas gravatas
 Nem mesmo porque negros sejam meus olhos!
 Este amor sem eco.
 No vazio, deves compreender (MARTINS, 2001, p. 357).

Como podemos ver no poema, Max Martins instaura a valorização da busca do outro, pois relaciona o amor egocêntrico como “sem eco”, sem reverberação e

pessoa amada é transformada em enigma. Não há a substantivação do outro, mas um deixar vigorar no mistério produzido pelo silêncio (“Nas palavras cruas jamais /alinhadas, tanto te/ pedi e apelei/ em vão”). De acordo com Thiago de Melo Barbosa, estudioso da obra maxmartiniana, o silêncio e o erotismo eclodem na poesia de Max, em um jogo constante. Assim diz:

A poesia martiniana parte do silêncio e chega a reflexões sobre o erotismo, o ser e a linguagem, sem que suplante a outra: há um pensamento poético, legítimo, que privilegia o diálogo e a compreensão das questões de modo dialético e complementar, não excludentes. Apesar do nosso costumeiro afã racionalizante pelas fronteiras bem delimitadas, nosso vício classificatório e, muitas vezes, dualístico, na poesia de Max Martins, questões, aparentemente diversas, compartilham o mesmo espaço discursivo (BARBOSA, 2014, p. 83).

No interstício do silêncio e do Amor, vigora o pensamento. Na realidade como fundar, em detrimento dos conceitos, o espaço em que o Amor torna-se abismo apenas é aberto para aqueles que silenciam os constructos e formulações de uma sociedade instrumentalizadora. Amor, então, se torna Amar, já que vigora no entre, no mover verbal e incessante das coisas. Sua poesia transita do substantivo para o verbo, do conceito para ação/pensamento. Por isso, é verbo inaugural.

Lançado neste abismo que é o Amor, o homem põe-se em questão. Em diálogo com o pensador Martin Heidegger, o qual não estudou o amor de maneira explícita em sua obra, mas deu contribuições importantes para a compreensão do fenômeno, podemos compreender que o Amor torna-se a possibilidade de o homem se encontrar consigo mesmo, com o que cada um tem de original e próprio. Seguindo o pensamento, o Amor aparece em Max Martins como travessia também. No Amor há uma abertura deste caminho para o próprio:

O amor precisa ser entendido como vontade, como a vontade que quer que o amado seja, em sua essência, o que ele é. A vontade mais elevada, mais ampla e mais decisiva desse tipo é a vontade como transfiguração, a vontade que erige e expõe o querido em sua essência para o interior das possibilidades mais elevadas de seu ser (HEIDEGGER, 2012, p. 366).

Ao compreender o Amor como esta vontade de abrir ao outro suas possibilidades de ser, a abertura originária está posta em jogo novamente. Tal vontade deflagra as possibilidades em que o *Dasein* pode se essencializar. Fundado neste encontrar-se com as possibilidades originárias, aberto para o Ser, há sempre o mistério do Amor. Desta forma, como mistério e possibilidade, o Amor eclode como angústia.

2 Amor: travessia para o ser

Aberto para as possibilidades que já são intrínsecas ao humano, o homem é lançado na angústia provocada pelo mistério do Amor, de modo que se essencialize como questão, fazendo sua travessia poética-existencial. Castro propõe que o Amor é justamente a possibilidade mais originária do *dasein* [ser-aí]: “o amor como mistério nos lança na angústia e no paradoxo da finitude: o mundo como escuridão e luminosidade, como amor e ódio, como bem e mal. Amar é ser” (CASTRO, 2011, p. 291). Neste paradoxo reside o jogo da existência, no interstício da vida e da travessia em que já fomos lançados, por simplesmente ser. Na obra maxmartiniana, o Amor fertiliza o caminho para as possibilidades mais próximas de o homem se realizar como questionar. Isto fica marcante nos poemas que congregam a saga intitulada “Travessia – I (1926/1966)”:

Nasci no mar, dans le bateau
 Ivre drapeau d’Arthur, de la nuit;
 batel fazendo o mapa e o mapa
 estas suas águas mágoas,
 vagas lembranças, lenços e quebrantos.
 - Eu era o mar ovante sobre os ombros,
 ardendo nas virilhas
 Ou o mar aberto, pulcro de silêncios
 enxame de vidrilhos.
 Um bem cevado mar, galhardo moço,
 às vezes calmo e desportivo.

Canto esta viagem donde trouxe
 Astros e asas pelos mastros
 (e os esus lamentos eis-me chegado
 - paipitum no rio defunto
 Impaludado) (MARTINS, 2001, p. 285).

Max Martins, no livro *H’era* (1971), relaciona a sua vida à sua poesia nos quatro poemas que compõe a saga “Travessia”. Há nessas tessituras uma relação entre o Amor e a travessia poética da obra maxmartiniana. Há também, ao longo dos poemas, referências quanto à cultura e à linguagem amazônica. No entanto, classificar tais poemas apenas pelo viés cultural e do exótico é retirar da obra sua universalidade. Para José Francisco Queiroz, estudioso do poeta, “Max é um poeta que se insere dentro de uma experiência urbana, e toma das palavras sem filiação ideológica ou regional, seu território é o idioma amplo, sem peias da floresta ou das lendas que servem apenas para entreter turistas” (QUEIROZ, 2012, p. 159). Max supera o viés somente ideológico ou cultural, realizando uma poesia originária.

No primeiro poema, “Travessia I”, Max descreve-nos um nascimento. Nascimento que se dá no mar, em um navio ébrio, fazendo referência à obra de Rimbaud (*Bateau ivre*). Aqui, podemos interpretar o nascimento de sua poética no mar, lugar entre dois continentes, um entre-lugar da sua poesia. Ao relacionar o mar

ao nascimento, o humano eclode em consumação e em comunhão com a natureza, aberto para a dimensão da *phýsis*, da qual é doação e parte integrante. Na dinâmica de questionamento em que a *phýsis* lança o homem, há uma realização da totalidade da existência, há a plenificação humana. Nos versos “Eu era o mar ovante sobre os ombros/ ardendo nas virilhas/ Ou o mar aberto, pulcro de silêncios /enxame de vidrilhos”, a tessitura indica uma relação da harmonia do homem com o mundo natural e sua integração de maneira poética. Ao ser este “mar ovante”, existe uma relação de integração e identidade na natureza. Também, há uma relação entre o signo da água e a travessia poética-existencial, que propõe o título do poema, pois a voz que ali se anuncia não atravessa a existência por meio da água, mas torna-se mar.

A figura do mar como o lugar de nascimento e ponto de partida da travessia poético-existencial aponta para o eterno devir que a dinâmica da *phýsis* propõe. Trata-se de uma poética de fluxo permanente, movimento contínuo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes. A travessia poético-existencial começa sem direção, no barco bêbado, acolhendo o inesperado. A poética maxmartianiana é este “mar aberto”, “galhardo moço”, sempre em movimento de renovação e de força. O poema encarna o moço; poema em transformação, entre o novo e o velho, fazendo da interseção destas instâncias da vida um lugar de abertura para a pergunta sobre o sentido do existir no mundo.

Além da configuração poética que apresenta a travessia existencial imantada em uma relação com a *phýsis*, Max usa de três línguas diferentes neste poema: o francês, o português e o tupi. O termo *piapitum* (de *pia* = jovem e *pitum* = noite), da língua tupi, remete novamente para o caráter de transformação, do novo. O poeta propõe o movimento de devir, de acolhimento das diferenças, de transformação presente na hibridização cultural e histórica. Este “Eu”, que nasce no mar, que se encontra com as águas e as línguas, é um sujeito que vigora no entre o passado e o futuro, entre o legado e o porvir.

Lançado nesta abertura de mundo, o homem encontra-se no seio da *phýsis* e de seu velamento e desvelamento contínuo. Dentro deste mistério que é proposto na abertura do homem para sua travessia, é apenas possível uma abertura ontológica em que o *dasein* [ser-aí] é lançado. Para Martin Heidegger, “uma possibilidade-de-ser do *dasein* [ser-aí] deve dar uma ‘informação’ ôntica sobre ele mesmo como ente. Informação só é possível na abertura pertencente ao *Dasein*, fundada no encontrar-se e no entender” (HEIDEGGER, 2012, p. 542). Neste caminho, ao longo de travessia aberta pela transfiguração do eu em mar, há a presença do Amor como fundar do mistério e da renovação.

Para Manuel Antônio de Castro, “o amar é a mais completa realização do mistério que, fundando toda proximidade, sempre se retrai, jogando-nos na distância, o entre ser e estar. No e pelo amar o mistério acontece naqueles que amam e se amam no e a partir do mistério” (CASTRO, 2011, p. 293). Desta forma, na parte II do poema “Travessia”, o poeta enuncia: “Parti do amor mais que perfeito” (MARTINS, 2001, p. 286). Esse Amor perfeito está em comunhão com Eros originário, o fenômeno que gera e transforma todos os entes. No *Banquete*, ao proferir seu discurso sobre o que seria Eros, Erixímaco diz:

A influência do amor não se faz sentir apenas na alma dos homens em suas relações com os belos mancebos, porém numa infinidade mais de coisas, nos corpos dos animais, em tudo o que nasce da terra e, por assim dizer, nos seres em universal, tão grande e admirável é essa divindade que sobre tudo se impõe, assim na ordem das coisas humanas como na das divinas (PLATÃO, 2011, p. 107).

Ao partir do “amor perfeito”, o Eros originário, há a abertura para o mistério. Lançado no mistério, o homem habita a angústia. Porém, tal afetação que a angústia propõe é um lançar-se para o que é mais próprio do homem: possibilidades de realização existencial. Assim diz o pensador Martin Heidegger:

O porquê de a angústia se angustiar é o ser-no-mundo ele mesmo. Na angústia, o utilizável do mundo-ambiente e em geral o ente-do-interior-do-mundo se afundam. O “mundo” já nada pode oferecer, nem também o *Dasein*-com com os outros. A angústia retira, assim, do *Dasein*, a possibilidade de, no decair, entender-se a partir do “mundo” e do público ser-o-interpretado. Ela projeta o *Dasein* de volta naquilo por que ele se angustia, seu próprio poder-ser-no-mundo mais-próprio que, como entendedor, se projeta essencialmente em possibilidades (HEIDEGGER, 2012, p. 535).

Ao ser projetado na angústia, as possibilidades da travessia existencial voltam-se para seu vigor ontológico, gerado pela força de Eros. É importante ressaltar que, na obra de Max, o Amor é sempre questionado e relacionado com uma existência fecunda, fundada no questionar. A supracitada afirmação de Heidegger relaciona-se, de maneira concreta, com os poemas de “Travessia”. Em sua terceira parte, o poema evoca-nos para a abertura do mundo:

É preciso navegar, abrir os túmulos
 do sol, em sangue marear.
 E abriremos velas
 e descobriremos ilhas, os oásis,
 o mar em sua pré-missa
 de asas e rebrilhos [...] (MARTINS, 2001, p. 287).

No começo de “Travessia”, há o homem em seu nascimento para a realidade inaugural, sua perspectiva de renovação torna-se angústia ao ser afetado pelo Eros originário. Ao encontrar-se com a angústia e o mistério que o Amor abre ao homem em possibilidades, o poeta começa a questionar verdadeiramente, como podemos perceber na seguinte passagem: “É preciso navegar, abrir os túmulos”. O uso dos verbos no subjuntivo e antecidos pelo modal “preciso” indicam uma hipótese, possibilidades, o que denota a ideia de convocação ao homem, no sentido de apontar a essência humana a qual o intima, em seu ser, quer se dê conta ou não, a questionar. Abrindo-se, então, para a efetivação do questionar, há a descoberta das possibilidades em vigor, como no trecho: “e descobriremos ilhas, os oásis”. Ao fim do

moral do lucro fizeram da liberdade de amar uma servidão (PAZ, 1994, p. 144).

O modo como Max Martins concebe o Amor, em sua poesia, resgata-o em seu sentido originário, de questão a partir da qual o homem se erige em seu ser-homem. O poeta põe-se no caminho da superação da servidão conceitual e mercantilista que do Amor se apossou. Ao fazê-lo remontar às suas possibilidades inaugurais, o Amor em sua obra é o mistério dadivoso que brota da terra ou, em palavras de Manuel Antônio de Castro, o amor como mistério que “nos lança na angústia e no paradoxo da finitude: o mundo como escuridão e luminosidade, como amor e ódio, como bem e mal. Amar é ser” (CASTRO, 2011, p. 291).

Conclusão

O que pretendemos foi tornar evidente que a natureza e o Amor são questões e que, como tais, precisam ser indagados na esfera ontológica. Realizando a escuta e a interpretação de alguns poemas da vasta obra de Max Martins, o intento foi o de abrir horizontes que transponham conceitos e paradigmas, fazendo uma hermenêutica do texto poético maxmartiniano capaz de libertar o pensamento para a esfera do originário.

O Amor, tal qual é pensado na obra de Max, brota em toda a travessia poética, que convoca o pensamento. Superando a concepção antropocêntrica do Amor, que o submete-se às determinações conceituais e gnosiológicas do homem, o amar se torna a dimensão reconciliadora do humano com sua própria essencialização. Ao amar, o homem encontra-se novamente entre as coisas repostas à condição de questões, retirando-as do regime de servidão a que foram restringidas. Desse modo, tanto a natureza quanto a linguagem deixam de ser concebidas como instrumentos para se converterem no espaço de desvelamento do sentido das coisas.

Ao adentrar na travessia existencial proposta pela poesia de Max Martins, o homem se essencializa, já que “o amar é a mais completa realização do mistério que, fundando toda proximidade, sempre se retrai, jogando-nos na distância, o entre ser e estar. No e pelo amar o mistério acontece naqueles que amam e se amam no e a partir do mistério” (CASTRO, 2011, p. 93). Deixando-se tomar por este mistério, o homem remonta às possibilidades de realização existencial, mediante o operar da angústia que o põe em seu ser, tal qual expõe Heidegger, em *Ser e Tempo*.

THE ORIGINARY LOVE IN MAX MARTINS'S POETRY

Abstract: This paper proposes the interpretation of Love as a path to the questioning of Being in the work *Poemas Reunidos 1952-2001*, by Max Martins. The experience of the original Love is the crossing to the human being. Thus, Love does not fit into a concept; it comes to constitute, on the contrary, the extent to which the self is given in its entirety. Max Martins sees the experience of Love as a limit-experience of the abyss man which has always been released ontologically casted into. In this paper,

we propose a dialogue between the poetry of Max Martins and thinkers such as Martin Heidegger and Plato.

Keywords: love; questioning; Max Martins.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Thiago de Melo. *A voz do silêncio na obra de Max Martins*. 2014. 150 f. Dissertação. (Mestrado em Letras - Estudos Literários) em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém-PA.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1989.

CASTRO, Manuel Antônio de. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

FERRAZ, Antônio Máximo. O que é uma questão? *Revista Litteris - Ciências Humanas - Filosofia*, n. 6, Niterói, RJ: UFF - Universidade Federal Fluminense, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

MARTINS, Max. *Poemas reunidos, 1952 - 2001*. Belém: Editora da Universidade do Pará/EDUFPA, 2001.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: ed. UFPA, 2011.

_____. *O banquete*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: ed. UFPA, 2011.

QUEIROZ, José Francisco da Silva. *Por uma história da recepção de Max Martins*. 2012. 233 f. Dissertação. (Mestrado em Letras - Estudos Literários). Universidade Federal do Pará, Belém-PA.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

ARTIGO RECEBIDO EM 15/12/2017 E APROVADO EM 26/04/2018